



L7 Matrix
leva arte
instintiva
e gestual
às ruas de
Brasília

FOTOS: DIVULGAÇÃO



desenho definido: cogita uma figura espectral, um pássaro ou uma composição puramente abstrata.

Em Minsk, uma de suas obras mais marcantes retratava o espectro de um pássaro em meio ao concreto. A figura em movimento, entre o real e o abstrato, refletia a ideia de liberdade em contraste com as estruturas rígidas da cidade — metáfora recorrente em sua produção.

Acostumado a criar tanto em museus quanto nas ruas, o artista destaca que a arte pública exige outra energia — mais direta, viva e em diálogo constante com o entorno. Em vez de uma obra planejada, sua pintura será um encontro instintivo entre gesto e cidade.

Encontro instintivo com a cidade

Augusto Santos*

Referência da arte urbana contemporânea, o artista brasileiro L7 Matrix é reconhecido por murais que combinam precisão técnica e gestualidade livre. Ele participou de

edições do Vulica em Minsk, na Bielorrússia, e, agora, apresenta uma obra pela primeira vez em Brasília.

Inspirado pelo caos, pelo conflito e pela beleza invisível do cotidiano, L7 cria figuras como aves em voo,

rostos sem olhos e entidades etéreas. Sua estética une realismo e expressionismo abstrato com camadas translúcidas, pinceladas espontâneas, spray e luz — elemento que simboliza consciência e transformação.

“O que me move é pintar o que não se vê”, afirma L7. Diferentemente de artistas que seguem projetos pré-definidos, L7 atua no improviso, guiado pelo contato direto com o espaço urbano. Para Brasília, ainda não há um

Olhar para os marginalizados

Lucas Maia*

Zéh Palito nasceu em Limeira, São Paulo. É formado em Design Gráfico pela FAAL e em Artes Plásticas na EMCEA (Escola Municipal de Cultura e Artes) de Limeira. O artista faz parte da line-up do Festival Vulica, que chega a Brasília nesta segunda-feira e segue até o dia 24 de agosto. Ele começou na arte de rua aos 15 anos e se envolvia com murais de rua e grafite no interior paulista. Palito utiliza uma linguagem original e tem como pauta de suas obras questões sociais.

Ele viajou por vários países e segue seu viés marcado pela defesa de povos marginalizados. Zéh tem o costume de

pintar sobre a realidade do local onde ele está. Na Zâmbia, ele utilizou pigmentos locais que eram de tons mais claros, como o rosa e o amarelo pastel. Nos Estados Unidos, ele fez referências à música, à cultura pop e à sociedade de consumo, com cores mais vibrantes.

Nas suas obras, o artista costuma retratar indígenas e negros, em meio ao tropicalismo brasileiro, com a presença de frutas e plantas. Além disso, ele traz elementos midiáticos, como roupas, marcas, carros, joias e outros objetos. Suas

FOTOS: DIVULGAÇÃO.



Obra Orpheus Sunday in Crenshaw



obras estão em mais de 30 países, em várias exposições. “Between the world and me” no Museu de Arte Contemporâneo

Querétaro - México, “Cars, Pools and Melanin” na Perrotin, Nova York, “Eu sei porque o pássaro canta na gaiola” - Galeria Simões de Assis,

Brasil e “Untouchable Negritude” - Luce Gallery, Itália.

***Estagiário sob a supervisão de Severino Francisco**